

PARA UMA TIPOLOGIA ATIVA DO TAPIRAPÉ
Os clíticos referenciais de pessoa*

YONNE LEITE**
(Museu Nacional - UFRJ)

1. INTRODUÇÃO

Nos trabalhos sobre tipologia, as línguas que dividem os verbos intransitivos em dois grupos, um deles recebendo para o sujeito dos verbos intransitivos (S) a mesma marca que o sujeito dos verbos transitivos (A), o outro uma marca coincidente a do objeto (O), têm sido tratadas ora como um tipo de cisão da ergatividade, ora como um tipo independente e autônomo, denominado ativo.

Essa dualidade de classificação se reflete nos trabalhos sobre línguas da família Tupi-Guarani. Assim é que o Kamayurá foi classificado por Seki (1976, 1990), como uma língua de estrutura ativa, enquanto que o Guajajara (Harrison, 1983) e o Tupinambá (DAHLSTRON & TEIXEIRA, 1983) foram consideradas línguas ergativas.

Neste trabalho procuraremos aduzir algumas evidências baseadas em dados do Tapirapé,¹ que, por um lado, o distinguem de línguas reconhecidamente ergativas, como o Kuikuro (FRANCHETTI, 1987), favorecendo uma posição de autonomia do tipo ativo e, por outro o singularizam no quadro das línguas ativas mais conhecidas na bibliografia tipológica, como o Choctaw, o Lakhota etc.

* Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no GT Línguas Indígenas Brasileiras, coordenado pelo Prof. Dr. Aryon Dall'igna Rodrigues, no II Encontro Nacional da ANPOLL (Rio de Janeiro 26-19 de maio de 1987). A pesquisa Tapirapé foi financiada pelo convênio FINEP/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional - UFRJ, nº 4.2.88.0513.00 e pela doação da Fundação Ford nº 840.0709-A.

** Pesquisadora-Bolsista do CNPq.

Abordaremos em primeiro lugar os diversos subsistemas de clíticos que expressam as relações de sujeito e objeto nas orações independentes e dependentes, delineando as várias análises possíveis e as cisões internas delas decorrentes, para mostrar as limitações de uma perspectiva tipológica quer meramente sintática (COMRIE, 1978; DIXON, 1979) quer meramente semântica (KLIMOV, 1974; KIBRIK, 1979, 1986) para se explicar adequadamente a complexidade e funções dos subsistemas existentes.

2. OS CLÍTICOS NAS ORAÇÕES INDEPENDENTES

O quadro I abaixo engloba as formas clíticas que ocorrem nas orações independentes, expressando as funções de sujeito (A) das orações transitivas, sujeito das orações intransitivas dinâmicas (S_a), objeto (O) das orações transitivas e sujeito (S_o) das orações intransitivas estativas.

QUADRO I

	Série I A/S _a	Série II O	Série III S _o	Série IV A/O	Série V O/A
1 sg	ã	xe	xe	ara	xe...xepe
2 sg	ere	ne	ne		
1 incl.	xi	xane	xane		
1 excl.	ara	are	are	ara	are...arepe
2 pl	pe	pe	pe	ãpa	xe...pexepe
3	a	∅	int ∅		

A série I expressa o sujeito de verbos transitivos (A) com objeto nominal ou pronominal de 3ª pessoa eo sujeito de verbos intransitivos ativos ou dinâmicos

Ex.:	ã-ixāk	eu o vejo
	ã-ixāk Mareãpa	eu vejo Mareãpa
	a-ixāk	ele o vê
	ere-ixāk	você o vê
	ã-hyj	eu corro
	a-hyj	ele corre
	ere-hyj	você corre

A série II expressa o objeto (O) de verbos transitivos quando o sujeito é de 3ª pessoa nominal ou pronominal.

Exs.:	xe-nopỹ	ele me bate
	ne-nopỹ	ele te bate
	pe-nopỹ	ele bate em vocês, etc.

A série III ocorre com verbos de estado, indicando o sujeito (S_O).

Exs.:	xe-tyan	eu estou com fome
	ne-kane'ó	você está cansado
	i-nem	está podre
	ʃ-ẽ'ẽ	é doce

A série IV ocorre com verbos transitivos com sujeito de 1ª pessoa e objeto de 2ª.

Exs.:	ara-nopỹ	eu bato em você
		nós batemos em você(s)
	ãpa-nopỹ	eu bato em vocês

A série V, constituída de morfemas descontínuos, ocorre com verbos transitivos quando o sujeito é de 2ª pessoa e o objeto, de 1ª pessoa.

Exs.:	xe-nopỹ xepe	você bate em mim
	xe-xokã pexepe	vocês batem em mim
	are-xokã arepe	você(s) bate(m) em nós (excl.)

Observe-se que a série III, que marca o sujeito das orações intransitivas estativas (S_O), coincide com a série II, que marca o objeto dos verbos transitivos, séries essas distintas da série I, que indica o sujeito (A) dos verbos transitivos e o dos verbos intransitivos ativos (S_A).² Assim sujeitos de verbos intransitivos e objeto de verbos transitivos têm a mesma expressão, a qual é diferente da dos sujeitos de verbos transitivos, distribuição de formas essa conhecida como tipo ergativo. A denominação de língua de estrutura ativa às línguas que exibem tal distribuição para o sujeito e objeto se deve ao fato de que a marca de sujeito coincidente com a de objeto é apenas a dos verbos intransitivos estativos. Há, assim, uma cisão na codificação dos sujeitos intransitivos: os sujeitos dos verbos intransitivos dinâmicos são codificados diferentemente dos sujeitos dos ver-

bos intransitivos não dinâmicos. Na literatura têm-se usado a designação de "sujeito cindido" (COMRIE, 1978, DIXON, 1979), uma ergatividade cuja cisão é semanticamente condicionada pela natureza ativa, ou não, do participante da ação verbal nos verbos de 1 actante, isto é, os verbos intransitivos.

2.1. As cisões nos sistemas de clícticos e a hierarquia referencial de pessoa

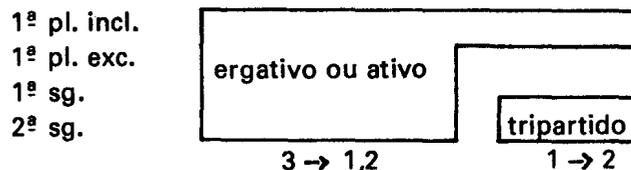
Voltando-se ao quadro I, pode-se ver que o sujeito de verbo intransitivo só tem a mesma expressão do objeto nos seguintes casos: a) 1ª pessoa do plural inclusivo e exclusivo, b) 1ª pessoa e 2ª pessoa do singular agindo sobre 3ª pessoa. A segunda pessoa do plural tem sempre a mesma forma, sendo portanto neutra, quando se considera apenas as séries I, II e III. Ao entrar em cena a série IV, têm-se morfemas considerados, nessa primeira análise, porte-manteaux, que indicam nos verbos transitivos um sujeito de primeira pessoa singular ou plural exclusivo interagindo com uma segunda pessoa singular ou plural. Com essas formas tem-se o quadro abaixo, em que a 1ª e 2ª pessoa do singular passam a ser tripartidas e a 2ª do plural, nominativa, a 1ª pessoa do plural exclusiva continuando ativa.

QUADRO II

	A	S _a	O	S _o
1s	ara	ã	xe	xe
	ãpa	ã	xe	xe
2s	ere	ere	ara	ne
1 excl.	ara	ara	are	are
2 pl.	pe	pe	ãpa	pe

Verifica-se assim uma primeira cisão nos sistemas de 1ª e 2ª pessoas, acarretando tipos diferenciados para o singular e plural. O quadro III esquematiza essas cisões, juntando as informações dos quadros I e II.

QUADRO III



2ª pl.	neutro	nominativo
3ª sg/pl	nominativo ou tripartido	

A terceira pessoa do singular pode ser interpretada como tripartida,³ se ressaltarmos que os verbos de estado têm as marcas *i~t* não ocorrentes como objeto, ou como nominativa, se considerarmos que um de seus alomorfes (\emptyset) se realiza como o objeto.

A visualização que o quadro III permite mostrar é que o Tapirapé não se comporta na hierarquia referencial de pessoa como seria de se esperar numa língua ergativa. Em geral nessas línguas, quando há uma cisão, são as pessoas mais altas na escala de agentividade (a primeira e a segunda pessoas) que não recebem a marca de ergatividade, sendo nominativas, enquanto que a terceira pessoa, por ser de baixa agentividade, recebe a marca ergativa (SILVERSTEIN, 1976).

O Tapirapé inverte essa escala marcando as pessoas mais altas como ativas ou ergativas e a terceira como nominativa ou tripartida, dependendo da análise. Esse redimensionamento da escala semântica é muito semelhante ao que ocorre em Lakhota, segundo o retrato feito por Dahlstrom (1983), que o quadro IV reproduz.

QUADRO IV

	Animado	Inanimado
2ª sg.	Agente/ Paciente	*
2ª pl.		*
1ª sg.		*
1ª dual/pl.	Neutro	*
3ª sg.		
3ª pl.	Acusativo	

Foi esse fato que levou Dahlstrom a considerar o tipo ativo independente do ergativo com um funcionamento próprio: hierarquia semântica inversa no condicionamento da cisão no sistema referencial de pessoa. O Tapirapé, tal como o Lakhota, é uma língua de sujeito cindido e tem também a inversão da escala hierárquica de distribuição de formas ativas e nominativas, o que vem reforçar a posição de Dahlstrom da autonomia do tipo ativo. Convém também observar que, tanto em Tapirapé quanto em Lakhota, é preciso distinguir o singular do plural, pois as pessoas exibem tipos diferentes de acordo com o número. Em Kuikuro

(FRANCHETTO, 1987), língua ergativa, tal distinção é inoperante, a cisão se fazendo sem que se precise levar em conta o número da pessoa na escala hierárquica.

A agentividade intrínseca da 1ª e 2ª pessoas tomada apenas como um traço semântico não explica adequadamente a direção inversa dos sistemas cindidos ergativo e ativo. A visão pragmático-funcionalista de Kibrik parece se ajustar melhor aos dados em pauta. Segundo Kibrik (1979) as línguas ergativas que têm o sistema cindido de acordo com a hierarquia referencial estariam tentando solucionar o dilema da marcação das pessoas que têm um papel proeminente no ato da fala (1ª e 2ª pessoas) por meio de um caso que assinala uma posição periférica não-argumental, o ergativo. Já nas línguas ativas haveria uma perfeita adequação entre a agentividade dos participantes centrais do ato de fala e a posição argumental das formas clíticas que o expressam. Assim uma diferença fundamental entre o tipo ativo e o ergativo é que neste apenas o paciente ocuparia uma posição argumental, enquanto que naquele tanto agente quanto paciente seriam essenciais e argumentais. Tal perspectiva, como se verá na próxima seção, se coaduna com a de Klimov (1974) que também considera como essenciais e argumentais as posições de agente e paciente das línguas ativas.

Observe-se também que os sistemas ativos em Tapirapé são derivados de uma hierarquia semântica que preside a expressão no verbo transitivo ora do clítico da série I, ora o da série II: apõe-se à raiz verbal a série da pessoa mais alta na hierarquia semântica em que $1 > 2 > 3$, o que é comum nas línguas Tupi, como já assinalaram Monserrat (1976), Seki (1982) e Monserrat & Soares (1983). Assim em *ã-xokã* "eu bato nele" o agente é mais alto na hierarquia do que o paciente; usa-se, então a série que expressa o agente de 1ª pessoa do singular (série I); em *xe-xokã* "ele me bate" o paciente é mais alto na hierarquia e, assim sendo, usa-se a série que designa o objeto de 1ª pessoa do singular (série II).

2.2. O sintagma verbal e as posições argumentais: outras análises morfológicas

Até aqui tem-se considerado que as expressões em que o paciente é de 3ª pessoa, como *ã-nopỹ* "eu bato nele", *ere-nopỹ* "você bate nele", *a-nopỹ* "ele bate em outro", como tendo as seguintes formas morfológicas: *ã-∅-nopỹ*, *ere-∅-nopỹ*, *a-∅-nopỹ*, isto é, postulou-se um morfema *∅* para a terceira pessoa. Essa análise que considera um morfema vazio de objeto pronominal antes da raiz verbal se justifica uma vez que há em Tapirapé a incorporação do objeto tanto nominal (*ã-tyro-patokã* "eu-roupa-

lavo") quanto pronominal (**ã-xe-kotok** "eu-refl.-furo", **ere-xe-kotok** "você-refl.-fura").

Por esse raciocínio é possível se rever a análise proposta no quadro III para os morfemas **porte-manteaux ara** e **ãpa**, passando-se a considerá-los expressões do sujeito de 1ª pessoa, sendo o objeto expresso também por \emptyset , como o é o da 3ª pessoa pronominal não-reflexiva. Essa interpretação não modifica aos tipos de cisões estabelecidas no quadro II para a 1ª e 2ª pessoas, pois apenas se substituem na 2ª pessoa singular e plural as formas **ara** e **ãpa** do Objeto por \emptyset . Assim uma expressão verbal como **ãpa-nopỹ** "eu bato em vocês" passa a ser formulada como **ãpa- \emptyset -nopỹ**, 1ª sg. Sujeito - 2ª pl. Objeto - bater.⁴

Levando o mesmo raciocínio mais adiante, poder-se-ia dizer que a 3ª pessoa tem um morfema \emptyset como expressão do agente quando ela age sobre uma pessoa mais baixa na hierarquia referencial. Assim uma expressão como **xe-nopỹ** "ele me bate" passaria a ter a forma morfológica **\emptyset -xe-nopỹ**, 3ª Sujeito - 1ª sg. Objeto - bater.

Nesse último caso, a modificação proposta tornaria a cisão da 3ª pessoa bem mais complexa, uma vez que dela resultaria um tipo em que $A \neq O \neq S$, tipo esse considerado inexistente (COMRIE, 1978/334).

QUADRO V

	A	S _a	O	S _o
3ª pessoa	a	a	\emptyset	int \emptyset
	\emptyset	a	\emptyset	int \emptyset

Segundo Comrie (1978:334, 379 e segs), a justificativa para a necessidade de marcas ergativas e acusativas é de ordem sintática, qual seja, diferenciar sem ambigüidade as funções sintáticas de sujeito e objeto. Daí a raridade de línguas de tipologia neutra e a impossibilidade de um tipo, como ocorre com a 3ª pessoa em Tapirapé, em que não se distinguem sujeito e objeto nas construções transitivas, mas que singularizasse o sujeito de uma oração intransitiva. Ainda segundo Comrie, as línguas ergativas distinguem o sujeito das transitivas marcando-os com o caso ergativo e as nominativas ressaltam o objeto através do caso acusativo.

Nas línguas ativas, ou de sujeito cindido, raramente os sintagmas nominais têm uma marca explícita de caso. São os sistemas de afixos verbais que se distribuem segundo o padrão ativo/inativo e é nesses clíticos que se atualizam os tipos morfossintáticos. A ser verdadeira a análise proposta acima, o Tapirapé, assim como outras línguas da família Tupi-

Guarani, não corrobora a explicação funcional-sintática de Comrie. Ou, então, a oposição sujeito e objeto não é tão primordial nessas línguas quanto a distinção semântica agente e paciente. Porém nem mesmo uma dimensão semântica dá conta satisfatoriamente da distribuição morfemática em que se expressam da mesma forma Agente e Paciente de verbos de 2 actantes e de outro Agente de verbo de 1 actante, pois, para a abordagem semântica, nas línguas ativas o essencial é atualizar da mesma forma os agentes e de outra, os pacientes dos verbos de 1 ou 2 actantes.

Os sistemas tripartidos e quadripartidos vistos até agora e que ocorrem em Tapirapé são uma consequência da hierarquia referencial tratada anteriormente. A melhor abordagem seria aquela em que fosse permitido acoplar a dimensão morfossintática e a dimensão semântica de modo a se captar a hierarquia referencial que preside a escolha do caso reto (séries I e IV) ou do caso oblíquo (série II) de acordo com a localização do agente e do paciente na escala referencial.

O funcionamento de uma língua ativa como o Tapirapé é, pois, bastante diverso do das línguas ergativas. Nessas só se expressa o caso ergativo, o do agente, se estiver explícito na construção sintática o paciente ou o objeto. Pelo que se viu, devido ao condicionamento controlado pela dimensão semântica referencial, em Tapirapé tem-se um caso nominativo ou ativo que expressa um agente ou sujeito sem que haja um paciente ou objeto explícito (**a-Ø-nopỹ** 1ª A/nom - 3ª P - bater "eu bato nele") ou um caso inativo ou objetivo sem que haja um agente ou sujeito pleno (**Ø-xe-nopỹ** 3ª A - 1ª P/obj.-nopỹ "ele me bate")

A introdução no panorama delineado acima das formas descontínuas (série V) vem reforçar a análise que postula uma posição de sujeito preenchida pelo morfema **Ø** para a 3ª pessoa, isto é, privilegia uma abordagem em que se considerem essenciais os vazios das posições de sujeito e objeto, outorgando-lhes um papel gramatical e semântico. Retoma-se aqui a proposta de análise de Rodrigues (1953) para o Tupinambá, em que a primeira parte dos morfemas descontínuos **xe...xepe**, **xe...pexepe** e **are...arepe** é a expressão do objeto de 1ª pessoa singular e plural exclusivo e a segunda do sujeito de 2ª pessoa do singular e plural.

As reanálises apresentadas até aqui modificam em parte os tipos de cisões apresentados nos quadros II e III. O quadro VI abaixo sumaria para todas as pessoas as cisões que essa proposta acarreta.

QUADRO VI

	A	Sa	O	So	Tipo
1ª pl. incl.	xi	xi	xane	xane	ativo
1ª pl. excl.	ara	ara	are	are	ativo
1ª sg.	ã	ã	xe	xe	ativo (3 → 1)
	ara	ã	xe	xe	tripartido (1 → 2 sg.)
	ãpa	ã	xe	xe	tripartido (1 → 2 pl.)
2ª sg.	ere	ere	ne	ne	ativo (3 → 2)
	ere	ere	∅	ne	tripartido (1 → 2)
	xepe	ere	∅	ne	quadripartido (2 → 1 sg.)
	arepe	ere	∅	ne	quadripartido (2 → 1 excl.)
2ª pl.	pe	pe	pe	pe	neutro (3 → 2)
	pe	pe	∅	pe	nominativo (1 → 2)
	arepe	pe	∅	pe	tripartido (2 → 1 excl.)
	pexepe	pe	∅	pe	tripartido (2 → 1 sg.)
	3ª	a	a	∅	i~t~∅
	∅	a	∅	i~t~∅	tripartido (3 → 1,2)

O quadro VI permite visualizar que a morfologia ativa só se atualiza integralmente nas primeiras pessoas do plural inclusivo e exclusivo, ficando restrito nas 1ª e 2ª pessoas do singular às construções de 2 actantes em que a 3ª pessoa é o agente. Nos demais casos o que se tem são tipos quase que exclusivos de cada interação. Deste modo, se a 1ª pessoa do singular age sobre a 2ª do singular tem-se um sistema tripartido, se é a 2ª sobre a primeira, o sistema é quadripartido e assim por diante.

Essas cisões locais em que o envolvimento de diferentes participantes da ação verbal têm expressões identificadoras da pessoa do agente e paciente singularizam o verbo de 2 actantes, distinguindo-o morfológicamente dos verbos de 1 actante. Estes, por sua vez, distinguem o participante ativo do participante não-ativo. Distingue-se, pois, transitividade de intransitividade de modo diferente de como o fazem as línguas ergativas. E na intransitividade, diferencia-se o actante dinâmico do não-dinâmico. Deste modo, diversamente do que hipotetiza Klimov (1974) para as línguas do tipo ativo ou de sujeito cindido, apenas as relações semânticas de agente e paciente não são suficientes para dar conta dos dados Tapirapé. São necessárias também as distinções sintáticas e gramaticais de verbo transitivo e intransitivo ao lado dos papéis semânticos de agente e paciente.

Vendo-se a questão por um outro ângulo e em um outro nível, o sistema de clíticos Tapirapé pode ser considerado quadripartido, pois o agente dos verbos de 2 actantes é diferenciado do paciente desses mesmos verbos, enquanto que o agente do verbo de 1 actante é também diferenciado do paciente do verbo de 1 actante ($A \neq S_a \neq O \neq S_o$). Isso permite ao sintagma verbal plena autonomia, tornando dispensável a presença de pronomes plenos. Essa complexidade morfológica é altamente funcional, pois permite ao nível do discurso identificar imediatamente quais são as pessoas envolvidas no ato de fala somente através dos clíticos que passam ser as partes essenciais da oração.

Essa análise para o Tapirapé, que pode à primeira vista parecer por demais complexa morfossintaticamente, recaptura uma das características das línguas de estrutura ativa. Segundo Klimov (1974) nessas línguas "as relações mútuas de partes da sentença são determinadas totalmente pela posição dominante do predicado verbal, enquanto as partes nominais desempenham o papel de oposições aos afixos correspondentes ao predicado". Retraduzindo essa citação em termos da teoria gerativa, poder-se-ia dizer que os clíticos são as posições argumentais e os sintagmas nominais são adjunções, podendo ter ordem livre. Na verdade, em Tapirapé a ordem dos sintagmas nominais é livre, mas a dos clíticos é fixa.

Passemos agora ao exame das formas de referência pessoal nas formas co-referenciais de gerúndio.

3. TRANSITIVIDADE E ESTRUTURA ATIVA NAS CONSTRUÇÕES DE GERÚNDIO

Se nas sentenças simples em que há apenas 1 predicado (orações independentes), os clíticos referenciais de pessoas exibem, em alguns casos, uma morfologia do tipo ativo, nas sentenças complexas, em que há mais de um predicado (orações dependentes), a natureza ativa ou inativa do participante da ação verbal não mais condiciona a escolha dos marcadores de pessoa. Nas construções dependentes a oposição central para a variação das formas referenciais é a transitividade ou intransitividade dos predicados. Sendo essa oposição básica para as línguas do tipo ergativo, examinaremos aqui uma construção dependente,⁵ em que há co-referencialidade dos actantes, conhecida tradicionalmente como "gerúndio".

3.1. A co-referencialidade

A co-referencialidade entre o sujeito de uma sentença simples

ou independente e um participante que se encontre em qualquer outro sintagma da oração é assinalada sempre em Tapirapé, qualquer que seja a pessoa envolvida.

Quando a co-referência é reflexiva, isto é, se dá entre o sujeito e o objeto pronominal, a forma que exprime o paciente é o prefixo **xe-**.

- Exs.: 1. **ã-xe-kyxi**
 1ª sujeito - reflexivo - cortar
 eu me corto
2. **ere-xe-kyxi**
 2ª sujeito - reflexivo - cortar
 você se corta
3. **a-xe-kyxi**
 3ª sujeito - reflexivo - cortar
 ele se corta

A co-referência entre o sujeito e as pessoas pronominais de outros sintagmas tem uma série própria de clíticos (série VI) a saber:

Série VI	
1ª sg.	we(t)
2ª sg.	e(t)
1ª incl.	xere(t)
1ª excl.	are(t)
2ª pl.	pexe(t)
3ª	a-w

Os exemplos abaixo mostram que o controlador da co-referencialidade pode ser tanto o sujeito da oração transitiva (A) quanto o da intransitiva dinâmica (S_A) ou estativa (S_O). O que importa aqui não é a distinção entre agente e paciente mas a categoria gramatical de **sujeito**.

- Exs.: 4. **ã-ma-tarak** **we-ãypy-r-yro**
 1ª sg. A-causativo-rasgar 1ª sg. costas-pano
 Rasguei minha camisa
5. **a-ma-tarak** **xe-apy-r-yro**
 3ª A-causativo-rasgar 1ª sg. costas-pano
 ele rasgou minha camisa

6. **ã-ã** **wet-eteime**
 1ª sg. S_a-ir 1ª sg. - casa para
 Vou para minha casa

7. **xe-mona** **wexe-we**
 1. sg. S_O-roubar 1. sg. - para
 Roubei para mim

3.2. A co-referência na construção de gerúndio

Quando a co-referência se dá entre participantes de predicados diferentes é necessário se fazer a distinção entre co-referencialidade de sujeitos e co-referencialidade de sujeito e objeto.

A co-referência entre sujeitos e predicados se faz com o sufixo tradicionalmente chamado "gerúndio" que dá o nome a esse tipo de construção, a qual indica sucessividade, simultaneidade ou finalidade das ações. O sufixo, que se acrescenta à raiz verbal, tem a forma **-wo** se a raiz termina em vogal e **-a**, se a raiz termina em consoante, ocorrendo, então, uma morfofonêmica característica (LEITE, 1976). Se o predicado da construção dependente for um verbo estativo o sufixo é **-ramõ**. Assim nos sufixos se mantêm um sistema que diferencia sujeito de verbo transitivo dinâmico e sujeito de verbo transitivo estativo. Já para as formas pessoais proclíticas é a transitividade ou intransitividade do predicado verbal que condiciona a variação encontrada nessa posição. Se o verbo é intransitivo ocorre na forma co-referencial dependente a série VI, listada nesta seção. Se o verbo é transitivo, o clítico que antecede a raiz verbal é o do objeto, atualizado pela série III, vista na seção 2, sendo que, na 3ª pessoa, é expressa com a variante morfológica *i*.

Exs.: 8.a) **ã-xaok** **we-yytáp-a**
 1ª sg. S_a-tomar banho 1ª sg. S_a-nadar-gerúndio
 Fui tomar banho e nadar

8.b) **wyrã'i** **ara-pyyk** **i-xokã-wo** **ĩ'o-wo**
 passarinho 1ª excl.A-pegar 3ª O-matar-gerún. 3ª O-comer-gerún.
 Pegamos o passarinho, matamos e comemos

8.c) **ie ráka ã-ã** **i-pyyk-a** **we-aypy-r-yro**
 1ª sg. passado 1ª sg. S_a-comprar 1ª sg. costas-pano
 eu fui para comprar minha camisa

Postal (apud HARRIS, 1982) pode ser avocada. Pela análise por eles proposta segundo a teoria relacional - e que até certo ponto formaliza a antiga perspectiva de Sapir (1917) para as línguas ativas norte-americanas - sujeitos de verbos intransitivos que se identificam com objetos de verbos transitivos têm em sua estrutura inicial uma posição de objeto. Uma série de operações alçam esse objeto inicial à posição de sujeito final. Foi uma operação de alçamento de sujeito que se viu no exemplo 9.

Para o caso Tapirapé, se se quiser explicar a distribuição das formas clífticas, tanto nas orações dependentes quanto nas independentes, essa proposta só funcionará se ampliada de modo a permitir uma noção de sujeito não apenas gramatical, mas estrutural e abstrata, isto é, um especificador de qualquer tipo de sintagma. Além disso o modelo teórico deve permitir que papel semântico, atribuição de caso sejam independentes. Desse modo, os verbos estativos têm nas orações independentes um sujeito que foi alçado de uma posição de objeto, posição essa que lhe permite o controle da co-referencialidade que se viu no exemplo 8.d, mantendo ao mesmo tempo o papel semântico de paciente e o caso oblíquo. Nas construções dependentes de gerúndio se apõe um clíftico co-referencial (série VI, exs. 8 a, c, d) tanto aos verbos intransitivos dinâmicos quanto aos estativos. No primeiro caso o sujeito não foi alçado tanto que nas orações independentes o clíftico referencial de pessoa está no caso nominativo (série I). Já nos verbos estativos há o alçamento do objeto no qual foi atribuído o caso oblíquo (série II). Assim a expressão da co-referencialidade por meio de uma série própria só se dá dentro de uma configuração de sujeito. Com os verbos transitivos não é possível um alçamento do objeto porque a posição de sujeito está preenchida pelo morfema β . Deste modo não poderá ocorrer com eles a série que indica a co-referência de sujeitos, a não ser que se verifique uma mudança de diátese (ex. 9). Observe-se que a ocorrência de marcas de co-referência nos exemplos 4, 5, 6 e 7 obedecem à exigência de uma definição estrutural de "sujeito".

5. AS EXPLICAÇÕES FUNCIONAL, SEMÂNTICA E DISTRIBUCIONAL

A hipótese da não-acusatividade acarreta uma classificação dos verbos em base sintática estabelecendo classes, específicas de cada língua: uma em que há movimento do objeto para a posição de sujeito (verbos estativos), outra em que não há esse movimento (verbos transitivos) e ainda uma outra em que não há objeto (verbos intransitivos). Sendo essa classificação específica de cada língua, pois se apóia no comportamento sintático dos verbos o que varia de língua para língua, e permitindo-se que a

atribuição de caso seja independente do papel semântico e da função gramatical, nada há de discrepante ou estranho que em Tapirapé um verbo como "roubar", **-mona**, seja estativo e outro como "morrer", **-manó**, seja intransitivo.

Em geral, a preocupação dos trabalhos de cunho estruturalista é procurar uma explicação de base semântica, funcional ou distribucional, diferenciadora dos tipos ativo, ergativo ou nominativo. Givón (1984) oferece uma explicação funcional. Para ele as línguas ativas estão codificando, através da morfologia, o papel semântico do sujeito, um sujeito agente recebendo uma marca e o sujeito paciente outra. As línguas nominativas codificam o papel pragmático do sujeito e as ergativas, a transitividade de uma sentença. Pela explicação de Givón, só se poderia atribuir a uma orientação cultural o fato de, em Tapirapé, o verbo **roubar** ter um sujeito paciente e **morrer**, um sujeito agente. Assim uma explicação de fundo funcional-semântica não se ajusta ao Tapirapé, por não ser ele, como já se viu, uma língua prototípica, como o são o Lakhota e o Choctaw. Em Lakhota a motivação semântica da codificação do sujeito é inequívoca, como se vê nos exemplos abaixo (apud DeLANGEY, 1985).

Exs.:	wa-kte 1A-matar	eu o matei
	ma-kte 1P-matar	ele me matou
	wa-nīwā 1A-andar	eu ando
	ma-t'a 1P-morrer	eu morro

O Tapirapé não se ajusta tampouco à explicação distribucional de Merlan (1985). Merlan critica tanto a hipótese sintática da não-acusatividade, por considerá-la artificial semanticamente ao atribuir um objeto-paciente a um verbo como **roubar** em Tapirapé, quanto as explicações semânticas por não darem conta de modo transparente e direto das atribuições das marcas de agentividade e passividade. Segundo ela a base da distinção entre os verbos intransitivos e os estativos é de natureza distribucional morfológica, uma classe sendo majoritária, aberta e produtiva, a outra minoritária, fechada e improdutiva. As línguas variaram em ter como classe improdutiva ou produtiva os verbos estativos e os intransitivos,

Em Tapirapé tanto a classe estativa quanto a intransitiva são abertas e produtivas: qualquer raiz pode ser atualizada como verbo estativo ou nome (exs.: **xe-men-a** "meu marido"; **xe-men** "eu sou casada, tenho marido"; **xe-hỹj-a** "meu dente" **xe-hỹn** "eu tenho dente"). E qualquer uma dessas raízes pode ser intransitivizada de modo dinâmico.

Ex.: **ã-xe-ma-hỹj-akāt**
1ª S - refl.-causativo-dente-causativo
eu me endentei (pus dentadura)

Assim haverá tantos verbos estativos quantas forem as bases nominais, classe essa aberta em qualquer língua. E todos os verbos estativos podem passar para a classe dos intransitivos dinâmicos. Os intransitivos dinâmicos também se constituem numa classe produtiva porque há vários processos como a reflexivização ou a incorporação (vide 1.2.2; 3.1) que intransitivizam uma raiz transitiva e dinamizam uma estativa.

Alguns autores se preocupam também em determinar qual o traço semântico que condiciona a ocorrência das formas ativa e não-ativa. Assim Van Valin (1977) propõe para o Lakhota que a distinção seja entre ação controlável *versus* uma ação incontrolável. Outro traço semântico que tem sido proposto é o de ação voluntária *versus* ação involuntária. Nas línguas prototípicas o sujeito é muitas vezes fluido, isto é, o marcador pessoal varia de acordo com a voluntariedade ou controlabilidade da ação verbal. Assim um verbo como cair recebe uma marca ativa se a ação é voluntária e proposital e uma marca de paciente se a ação é involuntária e não-intencional. Em Tapirapé encontra-se apenas um exemplo de fluidez de sujeito. A raiz **-ekyj** "puxar" admite uma construção estativa, **xe-xe-hyj** "eu tusso", e outra ativa, **ã-xe-hyj** "puxar algo como uma perna presa num buraco ou respirar fundo para descansar após uma corrida". Desconhece-se na literatura sobre línguas Tupi-Guarani qualquer menção à produtividade desse processo. Assim essa distinção semântica, ao que tudo indica, não é produtiva nem sistemática, como o é para o Lakhota.

Segundo uma perspectiva sintática da hipótese da não-acusatividade essa diferença pode ser explicada no léxico com entradas diferentes para o verbo estativo e o intransitivo dinâmico. Aquele teria lexicalizada a forma reflexiva **-xekyj** "tossir", já o intransitivo seria produto da incorporação do reflexivo à raiz transitiva **-ekyj**. Na primeira ocorre o alçamento do objeto para a posição de sujeito. Na segunda a forma de sujeito não é oriunda de um objeto no caso oblíquo, tendo sua marca no caso nominativo (série I).

Deste modo uma explicação sintática parece mais apropriada

para o Tapirapé. E aceitando-se a hipótese da não-acusatividade há uma semelhança entre as línguas estativas e as ergativas: ambas têm verbos "intransitivos" em que o sujeito gramatical advém de um objeto que foi alçado àquela posição. A diferença pode estar na atribuição de caso: enquanto nas línguas ergativas o verbo que alça o sujeito não atribui caso e papel temático a seu objeto, nas ativas essa atribuição é feita (BURZIO, 1986).

5. COMPLEXIDADE MORFOLÓGICA, ORDEM LIVRE E DISCURSO

Conforme se viu as orações independentes têm um sistema morfossintático altamente elaborado para codificar as referências pessoais, enquanto a oração dependente exhibe um sistema bem mais simples. Uma pergunta que se pode fazer é o porquê dessa divisão. A resposta, cremos, está no nível da organização do discurso.

Nas narrativas e mitos, as orações independentes são as que ocorrem na abertura dos textos, com a apresentação das personagens envolvidas na trama da ação, e na descrição do cenário onde se passa o episódio. Nessa situação a previsibilidade dos participantes é baixa e recursos mais complexos para a identificação dos tópicos são necessários (GLVÓN, 1983). O sistema Tapirapé de marcadores pessoais nas orações independentes é bem claro e explícito para uma identificação rápida dos participantes e dos tópicos das ações verbais. Já na oração dependente, em que a co-referencialidade é marcada de forma saliente iconicamente, por meio de prefixos, sufixos e morfofonémica específicos, os sujeitos são altamente previsíveis, não havendo necessidade de mecanismos mais complexos para sua identificação. As construções co-referenciais são as que encadeiam as ações de uma personagem que seja tópico. São elas que retomam um tópico principal, reintroduzindo após um intervalo em que ficou num segundo plano ou saiu de cena. A saliência fônica dessas construções dependentes faz com que baste um sistema de referência pessoal relativamente simples.

Outra questão que se liga à complexidade morfossintática das formas proclíticas em Tapirapé é a da ordem vocabular. O Tapirapé é uma língua de ordem livre e os sintagmas que indicam sujeito ou objeto direto não têm marca de caso. A frequência desses sintagmas plenos é, como em várias outras línguas da família Tupi-Guarani, extremamente baixa, tornando muito difícil qualquer tentativa de se estabelecer quantitativamente uma ordem básica neutra. A ordem desses sintagmas, quando ocorrem, têm uma função pragmática de marcar novo versus velho, conhecido ver-

sus desconhecido, contrastivo *versus* não-contrastivo. É quantitativamente mais apropriado dizer que o Tapirapé é uma língua V. E, como se viu, a forma verbal é obrigatoriamente acompanhada de marcas proclíticas que carregam, num complexo jogo de referências pessoais cruzadas, todas as relações morfonssintáticas. É, por isso, que a ordem dos sintagmas plenos, mesmo não contendo essas desinências de caso, pode ser utilizada para fins pragmáticos.

NOTAS

1. A língua Tapirapé é falada por cerca de 300 indivíduos que habitam uma única aldeia, situada na margem esquerda do rio Tapirapé, afluente da margem esquerda do rio Araguaia, Estado de Mato Grosso, Brasil. Os dados aqui apresentados foram colhidos em permanências no campo, durante os anos de 1967-1969, 1976-1977 e 1985, perfazendo um total de oito meses. Na grafia das palavras Tapirapé usou-se tanto quanto possível a ortografia desenvolvida para o processo de alfabetização. As letras têm em geral o mesmo valor dos símbolos fonéticos usuais, com exceção do *y* que representa a vogal posterior alta não-arredondada, *x* a africada pré-palatal surda, *g* a nasal velar sonora e *ʔ* a oclusão glotal.
2. A série III que indica o sujeito de intransitivos estativos coincide com a de marcadores de posse.
3. Uma perspectiva histórica de um sistema tripartido na 3ª pessoa nas línguas da família Tupi-Guarani se encontra em Vieira no artigo "Hierarquia Referencial de Pessoa e Mudança Tipológica: uma comparação entre o Asurini do Trocará e o Tupinambá".
4. Em Tapirapé, os verbos se dividem em duas classes: uma que tem um morfema, tradicionalmente chamado de "relacional, *r-*, após o clítico da série II que indica o objeto e outra classe que não recebe esse morfema. A mesma divisão se encontra com os nomes os quais têm também duas classes morfológicas: uma com o morfema *r-* outra sem esse morfema depois dos marcadores de posse. Esse morfema não ocorre com os clíticos da série I que indicam o sujeito dos verbos transitivos e intransitivos dinâmicos, nem após os morfemas porte-manteaux *ara* e *ãpa*, o que pode reforçar a análise aqui sugerida de serem esses alomorfes de sujeito da 1ª pessoa.
5. As construções dependentes ou orações encaixadas são formas nominalizadas com as quais não corre a série I, que indica o sujeito dos verbos transitivos e intransitivos dinâmicos, nem o morfema disjuntivo de negação *n(ã)* ... *i* das outras formas verbais.

BIBLIOGRAFIA

- BURZIO, Luigi. 1986 - **Italian Syntax: government-binding approach**. Dordrecht. D. Reidel Publ. Co.
- COMRIE, Bernard. 1978 - Ergativity. In: W.P. Lehman, ed. **Syntactic Typology**, Austin, University of Texas Press.
- DAHLSTROM, Amy. 1983 - Agent-Patient Language and Split Marking Systems. In: **Proceedings of the Ninth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society**. Berkeley, California.
- DAHLSTROM, Amy & TEIXEIRA, Raquel. 1983 - Acomparision of the case marking systems of Tupinambá and Paraguayan Guarani. U.C. Berkeley. (ms).
- DeLANCEY, Scott. 1985 - On active typology and the nature or ergativity.
- DIXON, R.M.W. 1979 - Ergativity. **Language** 55(1): 59-138.
- FRANCHETTO, Bruna. 1987 - Hierarquia referencial e ergatividade em línguas Karibe. Comunicação apresentada no II Encontro Nacional da ANPOLL. Rio de Janeiro (ms).
- GIVÓN, Talmy. 1984 - **Syntax: A Functional Typological Introduction**. Vol. I. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- 1987 - Topic Continuity in Discourse: an introduction T. Givón, ed. **Topic Continuity in Discourse: a quantitative cross language study**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- HARRIS, Alice C. 1982 - Georgian and the Unaccusative Hypothesis. **Language**. Vol. 58(2): 290-306, Baltimore.
- HARRISON, Carl. 1983 - Typological Disharmony and Ergativity in Guajajara. **Workpapers of the Summer Institute of Linguistics**, University of North Dakota Section, vol. 27, Texas, F.
- KIBRIK, A.E. 1979 - Canonical Ergativity and Daghestan Languages. In: F. Plank (ed.) **Ergativity: towards a theory of grammatical relations**: 61-77. New York, Academic Press.
- 1986 - Towards a typology of ergativity. In: Johanna Nichols & Anthony C. Woodbury (eds). **Grammar Inside and Outside the Clause**: 268-323. Cambridge, Cambridge University Press.
- KLIMOV, G.A. 1974 - On the character of languages of active typology. **Linguistics**, 131: 11-25.
- LEITE, Yonne de F. 1977 - Aspectos da Fonologia e Morfofonologia Tapirapé. **Publicações do Museu Nacional. Série Lingüística VIII**.

- MERLAN, Francesca. Split intransitivity: functional oppositions in intransitive inflection. In: J. Nichols & A. Woodbury, eds. **Grammar inside and outside the clause: some approaches to the theory from the field**. Cambridge: Cambridge University Press.
- MONSERRAT, Ruth M. Fonini. 1976 - Prefixos Pessoas em Aweti. **Publicações do Museu Nacional. Série Lingüística** III. Rio de Janeiro, Museu Nacional.
- MONSERRAT, R.M.F. & SOARES, M. Facó. 1983 - Hierarquia Referencial em Línguas Tupi. **Ensaio de Lingüística**, 9: 164-187. Belo Horizonte.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1953 - Morfologia do Verbo Tupi. **Letras** 1: 121--152. Curitiba.
- SAPIR, Edward. 1917 - Review to Het Passieve Karakter van Het Verbum Transitivum of van het Verbum Action in talen van Noord-Amerika of C.C. Uhlenbeck. **I.J.A.L.** 1: 82-86.
- SEKI, Lucy. 1976 - Kamayurá: língua de estrutura ativa. **Língua e literatura** nº 5: 217-227, São Paulo.
- , 1982 - Marcadores de Pessoa do Verbo Kamayurá. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** 3: 22-40. Campinas.
- , 1990 - Kamayurá (Tupi-Guarani) as an active-stative language. In: Doris Payne (ed.) **Amazonian Linguistics: studies in Lowland South American Languages**: 367-392. University of Texas Press at Austin.
- SILVERSTEIN, Michael. 1976 - Hierarchy of Features and Ergativity. In: R.M.W. Dixon, ed. **Grammatical Categories in Australian Languages**. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies.
- VAN VALIN, Roberto D. 1977 - **Aspects of Lakhota Syntax**. Berkeley, University of California. Ph. D. dissertation.
- VIEIRA, Marcia Dámaso. 1987 - Hierarquia Referencial de Pessoa e Mudança Tipológica: uma comparação entre o Asurini do Trocará e o Tupinambá. Comunicação apresentada no II Encontro Nacional da ANPOLL. Rio de Janeiro.